

EU VI O PORTUGAL AFRICANO

III — GABELA-BOA ENTRADA

Ives Gandra da Silva Martins

Após dois dias de estadia em Luanda, parti, em um pequeno avião para a Gabela, no interior de Angola, onde estão situadas algumas das maiores fazendas de café daquela província portuguesa.

Meu destino específico era a Fazenda Boa Entrada, da Cia. Angolana de Agricultura, onde iria conhecer um tipo de cultura característica da região.

A zona da Gabela é uma zona montanhosa, que se ergue abruptamente para quem vem de Luanda, após uns 250 quilometros em linha reta, onde a única visão é a do verdor bonito e acariciante da planície africana.

A faixa de vôo em que viajávamos no pequeno "Piper Comanche", sendo baixa, a sensação exata que tive, ao chegar àquela zona, foi a de que subíamos a montanha, como se um carro elevado seguindo uma estrada imaginária traçada em linha paralela às costas das montanhas.

A cidadezinha da Gabela é uma simpática e acolhedora povoação, com edificios simples, mas bonitos e ruas muito bem tratadas. Um burgo aprazível, que centraliza os contactos das pessoas, que vivem nas diversas fazendas da região.

Os meus anfitriões não me detiveram na cidade e levaram-me imediatamente para a Fazenda Boa Entrada, onde deveria ficar 2 dias conhecendo as técnicas de cultura, a forma de vida e o trabalho de uma fazenda angolana.

EUROPEU PORTUGAL AFRICANO

(Conclusão da 1.ª pág)

A fim de preparar-me para a visita ao imenso latifúndio, deixaram-me em uma casa igual àquelas que todos os empregados (brancos ou pretos) têm na região e que seria a minha residência por 2 dias.

Ressalto o episódio porque ao informarem-me que lá ficaria servido por nativos, sozinho e sem armas tive o receio natural de quem foi durante anos mal informado pela imprensa mundial a respeito do fantasmagórico "terrorismo" de Angola.

A casa era uma casa simples e confortável com 2 amplos quartos, 2 banheiros, uma esplendida sala de visita e de jantar e 1 cozinha, toda ela finamente mobiliada, com móveis construídos na própria firma.

Os nativos que me serviam, falando um bom português, eram de uma gentileza e de uma categoria no tratamento digno dos servidores das grandes mansões, nos melhores cantos.

Vestido à maneira da região para a visita às plantações, roças, escritórios, etc., fui almoçar com os dirigentes da Companhia, no Clube Central da Fazenda, que mantém diversos outros clubes em outros pontos da sua grande extensão territorial.

É a C.A.D.A. responsável por 5% da exportação de Café de Angola, que hoje é uma das grandes regiões exportadora de café do mundo.

Trabalham, na firma, cerca de 14.000 empregados, entre brancos, mestiços e negros, num ambiente de absoluta harmonia. A integração é notável, sendo que a categoria dos empregados não é dada de acordo com a sua raça, mas com o seu mérito, de tal maneira que se encontram, em toda a classificação das funções existentes, empregados de todas as cores.

Este espírito faz com que o ambiente existente seja o de uma verdadeira família, enorme, mas irradiando a satisfação pelo trabalho e pela obra, que se está criando.

Aliás, é notável sentir a presença do sorriso em todas as faces. Qualquer que seja o trabalho, que se está fazendo, qualquer que seja o empregado a executá-lo, o trabalho é feito não como um fardo, mas como uma forma de exaltação humana.

O número de escolas da Fazenda eleva-se a 8. Em algumas delas, os professores são os próprios nativos, que aliás têm se revelado magníficos educadores. Todas as crianças da Fazenda estão em escolas, havendo também turmas para adultos.

Há hospitais distritais na Fazenda, mas há um hospital central excepcionalmente bem aparelhado, inclusive com moderníssima sala de operações. Vários médicos e um bom corpo de enfermeiros e enfermeiras responsabilizam-se pela saúde dos 14.000 trabalhadores. O aspecto notável é que não cuidam os hospitais da C.A.D.A. apenas dos seus empregados, mas prestam esta obra assistencial também aos nativos da região, que necessitam de cuidados médicos, e não pertencem à Fazenda Boa Entrada!!!

A cultura do café é símbolo do milagre do trabalho do homem sobre a terra. O café dá nas encostas das montanhas e um trabalho de extremo cuidado é necessário para que a erosão não danifique as plantações. Assim sendo, a cultura do café, na Boa Entrada, é feita, mediante técnica moderna e aprimorada, com o máximo de rendimento que o terreno pode propiciar.

Da plantação, à colheita, tratamento, seleção, preparação e remessa do café para o exterior, a Boa Entrada é uma magnífica demonstração do que o português pode conseguir, com os meios da terra e a técnica do século, integrando-se no ambiente e unindo-se ao esforço autóctone. E esta realidade repleta de facetas surpreendentes cria o português no interior da África!!!

Compreendi nesta visita à Gabela, quando à noite, após as visitas aquela organizada e imensa extensão de território e trabalho, meditava, sozinho, em uma casa, no meio da mata e servido apenas por nativos, que me sabiam sem armas, porque o português podia sobreviver, em África.

Este elemento civilizador integracionista é, na minha opinião, a razão fundamental da vitória portuguesa nos trópicos africanos. Vitória, que eu notava, a cada passo que dava na África atlântica de Portugal.

Eis porque para finalizar resolvi lembrar aos leitores do JORNAL DE PORTUGAL episódio que marca este espírito do português tropicalizado.

Pertence à Província de Angola, o Enclave da Cabinda, que fica destacado de Angola e entre os Congos Belga e Francês. A Cabinda que era para pertencer aos franceses ou belgas, passou para os portugueses por exigência dos nativos pelo tratado de Simulambuco. Assim sendo, os nativos é que escolheram o europeu, que com eles deveria criar o futuro daquela zona africana. E se escolheram o português é porque sabiam-no verdadeiro batalhador pelas causas e pelas coisas, que constroi ou que ajuda a construir.

I A I S

Portugal
em Cuiabá

No próximo dia 13 de